

Uma série fora-de-série

Felipe Tadeu



Produzida pelo baterista dos Titãs, Charles Gavin, série Dois Momentos resgata ótimos discos para a era digital. Foi como um solo perfeito com o baterista paulistano quebrando todas. Seguindo a picada aberta por Marcelo Fróes, outro ratinho dos acervos das majors, o músico Charles Gavin enveredou pelo arquivo da Continental/WEA atrás de álbuns que marcaram a música brasileira nas décadas de 70 e 80, para relaná-los, enfim, digitalizados.

O resultado do empenho titânico já está nas melhores lojas do país há algumas semanas, ou seja, quinze CD's contendo dois discos de grandes nomes da MPB e do pop/rock nacional. Remasterizada pelo próprio Gavin e Ricardo Garcia, a primeira leva da série Dois Momentos nos dá motivos de sobra para que a Warner continue tocando este projeto da maior importância. Afinal de contas, trata-se da memória das últimas gerações de intérpretes e compositores que despontaram no Brasil. Os artistas da safra inicial da Dois Momentos é um elenco de prestígio inquestionável: Tom Zé, Secos & Molhados, Paulinho da Viola, Walter Franco, A Cor do Som, Olívia Byington, A Barca do Sol, Pepeu Gomes, Novos Baianos, Zezé Motta, Belchior, Guilherme Arantes e Carlos Dafé.

Só o inosso sambeiro Branca di Neve aparece como peixe-fora-d'água, dentre nomes tão representativos. Os Secos & Molhados, por exemplo, a ilustre banda da qual fez parte Ney Matogrosso, é da história página virada a contragosto por todo aquele que sempre admirou as composições de João Ricardo e a performance abusada de um quarteto mascarado, que

soube desafiar a doutrina dos bons costumes vigente no obscurantismo da ditadura militar.

Os dois únicos álbuns do grupo fizeram parte do número um da Dois Momentos.

Por falar em grupo, outros representantes que estão presentes na série são A Barca do Sol e A Cor do Som. Duas bandas que contavam com excelentes músicos e que, apesar de desmembradas, deixaram marcas indelévels na experimentação que realizamos na aproximação com o rock: guitarras, berimbau, violoncelo, paus-elétricos, transversas e teclados. A Cor do Som se apresentou brilhantemente na 12ª edição do Festival Internacional de Jazz de Montreux, em 1978, com o ex-Novo Baiano Dadi no baixo, seu maninho Mu nos teclados, Ari na percussão, Gustavo na bateria e Armandinho e Aroldo, filhos de Osmar Macedo (um dos criadores do Trio Elétrico) arpejiando nas guitarrinhas baianas. A habilidade e o entrosamento demonstrado pelos músicos no palco do evento suíço é algo muito sério para que venha a ser esquecido. „Esse disco de A Cor do Som em Montreux é bárbaro. Ouvi até gastar, quando estava começando a tocar“, revela o titã das baquetas.

Tom Zé é, no entanto, o nome mais privilegiado da coleção, tendo quatro de seus trabalhos relançados agora. Tanto o Estudando o Samba (75), que acabou caindo nas mãos de David Byrne e tirou o tropicalista do limbo do esquecimento a que foi submetido no Brasil, quanto Se o Caso é Chorar (72), Todos os Olhos (73) e Correio da Estação do Brás (78) foram fisgados em dois volumes da Dois Momentos, ambos diagnosticando a loucura genial do mestre que compôs Augusta, Angélica e Consolação, a Sonho Colorido de Um Pintor ou Mã. No encarte, Charles Gavin faz menção honrosa aos sebos de discos, ciente do papel que eles desempenham num país que não costuma preservar seu patrimônio cultural. Afinal, não foi num sebo empoeirado do Brasil que Mr. Byrne encontrou o Estudando o Samba e salvou Tom Zé de uma carreira infundada de frentista num posto de gasolina?

A atriz e cantora Zezé Motta é, com certeza, um dos melhores CD's da série. Só o resgate de seu elepê de 1978 já seria suficiente para chegarmos a tal conclusão. Tem três músicas de Luiz Melodia – Magrelinha, O Morro Não Engana (com Ricardo Augusto) e Dores de Amores, linda –, tem Crioula, de Moraes Moreira, Muito Prazer, Zezé, de Rita Lee e Roberto de Carvalho, além de Pecado Original, de Caetano, Trocando em Miúdos, de Chico e Francis Hime, Rita Baiana, de Geraldinho Carneiro e John Neschling e



Baba Alapalá, de Gil, dentre outras. Com repertório impecável, Zezé está em companhia de nomes como Robertinho Silva, Sérgio Dias Baptista, Vitor Assis Brasil e Jamil Joanes, todos em

prestando muito sinque para aquela que foi Xica da Silva no cinema. Dengo, o outro disco do CD, é apenas um bom trabalho, incomparável ao trabalho de 78. Apesar de ter privilegiado seu lado atriz, Zezé Motta é cantora de muita personalidade, que pretende se lançar num tributo a sua alma gêmea Luiz Melodia. Os Novos Baianos remasterizados pela série são os de Novos Baianos F.C. (73) e do disco que saiu um ano mais tarde. Baby Consuelo, Paulinho Boca de Cantor, Moraes Moreira, Pepeu, Galvão e outros mandando ver em uns sambinhas guitarrados, cantando aquelas letras amulcadas de sempre, geradas na república livre de um sítio em Jacarepaguá.

Belchior, Carlos Dafé, Guilherme Arantes e Branca di Neve completam os quinze volumes da espetacular série de Gavin. O baterista/produtor ainda não sabe se vai poder continuar com o seu projeto Continental/WEA, mas já sugeriu à gravadora o relançamento de verdadeiros petardos, ainda inéditos em CD: Elis Regina em Montreux, discos de O Terço, Jamelão, todos das Frenéticas, o Hermeto Pascoal em Montreux e do Cérebro Magnético, além do EP de Bebel Gilberto, Erlon Chaves, Som 4 (onde Hermeto também tocou), Bixo da Seda, Edu Lobo, Noite Ilustrada dentre outros. Se depender da gente aqui da Tópicos, Charles Gavin pode prosseguir quebrando tudo. *eMail: brasilcult@aol.com*

